

PERCEPÇÃO DE MÃES SOBRE A EMPATIA AFETIVA DE ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO

Vitória Nunes Vidal ¹
Isabel Maria Conceição Silvano ²
Cleomayra Tomaz da Silva ³
Edizângela de Fátima Cruz de Souza ⁴
Lilian Kelly de Souza Galvão ⁵

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se refere a um conjunto de sintomas caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social, por padrões restritos e repetitivos de comportamento, que implicam em déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, bem como na reciprocidade socioemocional, sendo um distúrbio do neurodesenvolvimento, segundo DSM – V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

A empatia é fundamental para o gerenciamento dos relacionamentos e compreensão dos sentimentos e perspectivas do outro, considerando suas vivências e ações em diferentes situações (Barea, 2015). O ato de compartilhar com o outro não apenas fortalece os laços de pertencimento a um grupo, mas também é intrinsecamente ligado à empatia, uma vez que a conexão com os sentimentos alheios enriquece a experiência humana (Coplan, 2011).

A empatia afetiva, conforme definida por Davis (1980) e Hoffman (2000), está intrinsecamente ligada à capacidade de sentir e conectar-se com as emoções alheias, manifestando-se em duas facetas distintas. A primeira delas é a angústia pessoal, caracterizada pelo desconforto diante das emoções negativas do outro. Enquanto a segunda, denominada consideração empática, refere-se à habilidade de sentir com o outro e ser impelido a ajudá-lo. Esta resposta emocional, como descrita por Hoffman (2000), é uma reação afetiva que se origina no indivíduo e corre em paralelo ao estado emocional da outra

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, vickynunesvidal@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, isabelconceicaoasilv@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, cleomayra.tomaz@academico.ufpb.br;

⁴ Mestranda do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - PB, edizangela.cruz@outlook.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - PB, liliangalvao@yahoo.com.br.

pessoa, representando uma resposta emocional mais ajustada à situação específica do outro indivíduo. Dessa forma, a empatia afetiva transcende a mera compreensão emocional, abrangendo também a disposição para agir em benefício do bem-estar alheio.

Especificamente em relação às pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), algumas pesquisas apontam que elas enfrentam dificuldades e restrições significativas na compreensão dos estados mentais alheios, como pensamentos, intenções e crenças (Gaigg, 2012). Essas dificuldades na compreensão da mente alheia podem manifestar-se de diversas formas, abrangendo desde a interpretação de sinais sociais até a capacidade de antecipar e compreender as nuances das interações interpessoais. A compreensão dessas limitações oferece percepções essenciais para a criação de estratégias de apoio e intervenções, visando melhorar a qualidade de vida e a integração social desses indivíduos, promovendo uma abordagem mais empática e inclusiva em diversos contextos.

O objetivo dessa pesquisa é analisar e comparar a percepção de mães de crianças sobre a empatia afetiva (angústia pessoal e consideração empática) de seus filhos com TEA, com a percepção materna de crianças com desenvolvimento típico, visando ampliar as intervenções terapêuticas referente ao desenvolvimento empático em adolescentes com diagnóstico de TEA.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram da pesquisa 52 mães de adolescentes com idade entre 14 a 16 anos ($M_{idade\ adolescentes} = 42,48; DP = 6,741$), sendo 26 adolescentes diagnosticados com TEA e 26 com desenvolvimento típico, com a variação de idade entre 30 e 60 anos ($M_{idade\ mães\ geral} = 44,68; DP = 10,819$).

Procedimento

Foram realizadas todas as etapas éticas provenientes das recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 58608322.7.0000.5188). As entrevistas foram realizadas individualmente, em um ambiente adequado.

Como critério de exclusão, foram excluídas da amostra as mães de adolescentes que estavam fora da faixa etária estimada (14 – 16 anos), com filhos que apresentavam prejuízos significativos na comunicação verbal e que se recusaram a assinar o TCLE.

Como critério de inclusão foi pré-definido que os filhos das participantes seriam verbais, pois, apesar dessa pesquisa não ocorrer diretamente com os adolescentes, é necessário que suas mães tenham ciência do que eles sentem de acordo com suas falas, além dos comportamentos observados, bem como a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Instrumentos

O instrumento utilizado foi uma adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI) para que mães possam responder sobre os seus filhos, focado no componente afetivo (angústia pessoal e consideração empática) e o questionário sociodemográfico para averiguar o perfil da mãe e de seu filho, como também analisando informações relacionadas ao diagnóstico e intervenções terapêuticas realizadas pelos adolescentes.

Análise de dados

Para análise de dados foram utilizadas estatísticas descritivas e inferenciais no software Statistical Package Social Science (SPSS).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 52 mães de adolescentes com TEA, predominantemente casadas (44%) ou solteiras (30%). Quanto à ocupação, a maioria delas se identificou como donas de casa (32%). Em termos de renda mensal familiar, um número significativo de participantes (44%) informou possuir uma renda de até 1 salário mínimo (R\$1.325,00). No que se refere à crença religiosa e ao grau de escolaridade, as participantes se autodeclaram, majoritariamente, católicas (56%) e indicaram possuir ensino médio completo (28%) ou pós-graduadas (22%).

Das questões relativas aos/às filhos/as das participantes, observou-se que a maioria dos adolescentes era do sexo masculino (64%) e matriculados em escola pública (64%), tendo eles ingressado na escola com maior frequência aos 03 anos (20%) e aos 05 anos (20%), frequentando, no tempo atual, o 9º ano do ensino fundamental II (42%), e com 68% tendo repetido ao menos uma vez alguma série da escola. Além disso, observou-se que um número

considerável de adolescentes possuem irmãos (90%). Para aqueles filhos com Transtorno do Espectro Autista, a idade de diagnóstico foi, predominantemente, de 03 anos (10%), já sobre o nível de suporte, predominou o nível de suporte 1 (36%), sem uso de medicamentos (72%) e sem realizar intervenções diversas (56%).

Os resultados do teste de Mann-Whitney revelaram diferenças significativas na percepção de empatia entre as mães de adolescentes com desenvolvimento típico e aquelas de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Especificamente, as mães identificaram que os adolescentes com desenvolvimento típico (Média do Rank = 31,27) exibiram uma consideração empática maior em comparação com os adolescentes autistas (Média do Rank = 19,25). Em relação à dimensão de angústia pessoal, não foi observada discrepância significativa, indicando que as mães de adolescentes autistas (Média do Rank = 25,21) apresentaram uma percepção semelhante àquelas com filhos em desenvolvimento típico (Média do Rank = 25,77). Esses achados sugerem nuances importantes na compreensão da empatia nas relações familiares, destacando a necessidade de abordagens diferenciadas no apoio às mães e nos programas de intervenção para promover a compreensão e a qualidade de vida desses adolescentes.

A literatura sobre empatia afetiva em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta resultados divergentes. O estudo de Rueda et al. (2015) revelou que o grupo de pessoas com TEA obteve pontuações médias em empatia afetiva. Em contraste, o estudo conduzido por Mazza et al. (2014) identificou um déficit específico na empatia afetiva, mais precisamente na valência emocional negativa, em adolescentes com TEA. Essas discrepâncias nos achados ressaltam a complexidade da experiência empática em indivíduos com TEA e apontam para a necessidade de mais pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, os resultados dessa pesquisa trazem importantes dados sobre a empatia afetiva em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi consistentemente observada uma dificuldade significativa na consideração empática por parte dos adolescentes com TEA, enquanto não foram identificadas diferenças notáveis na dimensão de angústia pessoal em comparação com indivíduos com desenvolvimento típico. Esses achados ressaltam a complexidade das habilidades empáticas em indivíduos com TEA, indicando a necessidade de futuros estudos mais específicos e aprofundados. A compreensão da empatia afetiva em contextos específicos do TEA é fundamental para o desenvolvimento de intervenções e

estratégias de apoio mais eficazes. Os avanços nos estudos sobre o assunto não apenas ajudam a esclarecer as nuances da empatia em pessoas com TEA, mas também fornecem orientações para intervenções e abordagens terapêuticas mais individualizadas, buscando uma inclusão mais eficaz e uma melhor qualidade de vida para esses indivíduos.

Palavras-chave: Empatia afetiva, Transtorno do Espectro Autista, Desenvolvimento típico, Mães.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq e da UFPB (PIBIC/CNPq/UFPB) pelo auxílio financeiro que foi fundamental para a realização desta pesquisa. Além disso, desejo expressar minha gratidão à professora Lilian Galvão por sua orientação dedicada e valiosa experiência ao longo de todo o processo. Também gostaria de agradecer a todos os envolvidos neste projeto, colegas, amigos e familiares, que apoiaram e incentivaram nossa jornada científica.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR)**. 5. ed. Washington: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução Nº 510, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

COPLAN, A; GOLDIE, P. **Empathy: Philosophical and psychological perspectives**. Oxford University Press, 2011.

DAVIS, M. H. A multidimensional approach to individual differences in empathy. **JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology**, v.10, p.85, 1980.

GAIGG, Sebastian B. A interação entre emoção e cognição no transtorno do espectro do autismo: implicações para a teoria do desenvolvimento. **Fronteiras na neurociência integrativa**, v. 6, p. 113, 2012.

MAZZA, M., PINO, M. C., MARIANO, M., TEMPESTA, D., FERRARA, M., DE BERARDIS, D., MASEDU, F., & VALENTI, M. Affective and cognitive empathy in adolescents with autism spectrum disorder. **Frontiers in Human Neuroscience**, 8 (791), 1 - 6. 2014.

ORTEGA, V. R. Empatia no autismo: concepção e medição. **Psicologia, epistemologia e sociedade**, n. 25, p. 191 – 211, 2018.



ROZA, S. A. GUIMARÃES, S. R. K. Empatia afetiva e cognitiva no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021.

RUEDA, P.; FERNÁNDEZ-BERROCAL, P.; BARON-COHEN, S. Dissociation between cognitive and affective empathy in youth with Asperger Syndrome. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 12, n. 1, p. 85 – 98, 2015.